

Teoria Causal da Referência - 28/03/2023

Mostra uma nova versão de teoria da referência em resposta ao descritivismo**[i]**

Em seu bojo, a teoria causal da referência visa explicar o sucesso referencial de falantes ignorantes e foi exposta em forma de esboço por Kripke[ii] formulando que, segundo Sagid, um nome próprio é em algum momento introduzido no discurso e depois difundido de falante para falante. Em seus pontos principais, postula que falantes formam uma cadeia de usuários e o elo que conecta a cadeia é de natureza causal, embora nem todo elo nessa cadeia seja relevante. A existência do elo causal é condição suficiente para que o falante se refira ao objeto através do nome, mesmo sem conhecimento de fatos individuadores.

De acordo com Sagid, esse esquema permite acomodar o fato de que falantes ignorantes podem ser bem sucedidos referencialmente, sem conhecer qualquer propriedade do objeto. Entretanto, Sagid argumenta que Kripke não desenvolveu a ideia suficientemente para que se tornasse uma teoria, por exemplo, não definiu o que seria um elo causal apropriado, de tal sorte que a não delimitação torna a alegação irrefutável[iii].

Contudo, a teoria prosperou nas mãos de Michael Devitt[iv] que quebra o fenômeno da referência em duas partes: em um primeiro passo trata do fenômeno da fixação do referente, a partir da introdução do nome. É o elo causal do tipo C1 que verifica como a introdução é feita, delimitando o elo causal entre os falantes que introduzem o nome e o objeto nomeado. Já o segundo fenômeno é o da difusão social dos nomes próprios, no qual o sucesso dos usuários posteriores depende do sucesso dos usuários anteriores. É o elo causal do tipo C2 entre os membros da cadeia de uso que tomam a referência por empréstimo.

Considerando C1, a explicação de como um nome próprio pode ser introduzido para um objeto tem a forma mais comum do batismo por ostensão, isto é, um contato perceptivo, por exemplo, “Ele se chamará Aristóteles”. Esse elo causal oriundo do contato visual é condição suficiente para se atribuir um nome, a partir dele se ganha a habilidade de se usar um nome para atribuir. Embora suficiente, não é necessário, já que há outras formas como as descrições definidas que podem ocorrer no caso de se introduzir uma descrição definida antes do nome em casos simulares ao de uma investigação policial que busca o “autor dos crimes”, antes que se saiba a identidade.

Uma teoria causal mais recente (2015) foi pleiteada por Andrea Bianchi e é chamada de teoria da cópia / repetição procedendo pela relação de referência entre ocorrências de nomes e objetos. Uma ocorrência é considerada um “particular linguístico”, cada uso do NP, seja ele escrito no papel, proferido por alguém ou lido na capa de um livro. Ora, o que leva a ocorrência de um nome próprio se referir ao objeto que se refere?

Para a teoria da cópia, uma ocorrência de “Aristóteles” se refere a Aristóteles em virtude de (I) ter sido introduzida para Aristóteles ou (II) ser uma repetição / cópia de uma ocorrência que foi introduzida para Aristóteles. Nossas referências, produzidas por nós, se referem a Aristóteles em virtude de elas serem cópias de outras ocorrências, estas sim, introduzidas para Aristóteles. E o que garante que as nossas cópias se referem a Aristóteles é que o conceito de cópia é transitivo, isto é, se C é cópia de B e B é cópia de A, então C é cópia de A[v].

Esse conceito de cópia de Bianchi é, segundo Sagid, muito intuitivo e simples, já que cópia das ocorrências é tomada em sentido literal e que explica como alguém pode tomar de empréstimo a referência de outra pessoa. Literalmente cópia ou repetição: ouvimos um nome e repetimos. É um processo mecânico, mas que levanta a objeção de que se daria quicá por uma foto copiadora ou um papagaio[vi], que é capaz de proferir a ocorrência que de fato se refere a Aristóteles. Mas o papagaio é de fato um usuário de NPA (Nome Próprio Aristóteles)? A depender de Bianchi, parece que sim, porém Sagid traz a diferenciação entre dois eventos: fazer uma referência e produzir uma ocorrência referencialmente [e meramente] bem sucedida.

Sagid então traz objeções de Jessica Pepp[vii], como o caso de um historiador que, ao escrever um livro sobre o filósofo Sócrates, copia a referência de uma notícia sobre o jogador Sócrates. Aí teríamos as ocorrências do livro se referindo ao jogador, se se toma o enfoque de Bianchi. Mas, para Pepp, o livro é sobre o filósofo e isso inviabilizaria a teoria da cópia, pois não explica esse tipo de cópia e se reforça a distinção entre fazer referência ou meramente se referir, já que, na visão de Bianchi, as afirmações do livro seriam falsas pois asseriam ao jogador coisas do filósofo, não explicando a referência por empréstimo.

Há também os usos cotidianos de NP que não parecem serem cópias, visto que não são somente produção de cópias, mas realmente fazem referência. Podemos “repetir um nome” esquisito[viii], mas isso não quer dizer “usar o nome”. Posto isso, Sagid retorna à teoria de Devitt que parece ser mais plausível na explicação de C2 e também abordará uma “formulação mista” de uma teoria histórica da referência proposta por Donnellan, como que um descritivismo

causal.

Retomando brevemente, o descritivismo é uma teoria tanto do significado quanto da referência de NP, essa última tratando de fatos individuadores capazes de determinar propriedades de objetos, mas sendo contestada pelo argumento semântico de Kripke, através do qual um falante ignorante é capaz de se referir com sucesso. Essa objeção abre caminho para uma teoria da referência, antes circunscrita ao significado, cuja tentativa de Andrea Bianchi trouxe problemas suscitados por Jessica Pepp. É aí que Sagid retoma a teoria de Devitt para fixação e difusão do referente, no esquema objeto => C1 => sujeitos => C2 => falantes. C1: batismo por ostensão como condição suficiente para explicar como falantes podem introduzir nomes sem conhecimento de fato individuador. C2: fenômeno da difusão social que depende dos usuários anteriores.

Embora a explicação de C1 levante problemas, ainda pode ser considerada satisfatória, já para C2 é necessário explicar qual o tipo de elo causal entre o falante e quem introduziu o nome, isto é, qual o fundamento da cópia. Devitt simplifica e citemos, por meio de Sagid:

“Em uma situação de batismo (C1): um sujeito S percebe um objeto X e, devido a uma relação causal que lhe permite perceber X, ele pode atribuir um nome N a X. Ao fazer isto, S ganha a habilidade de usar N para se referir a X. Em uma situação de empréstimo (C2): ao ouvir (ler, etc.) S1 proferir N para se referir a X, um sujeito S2 pode, devido a uma relação com S1 (de ouvir, ler, etc. o proferimento de S1), adquirir a habilidade de usar N para se referir a X.”.

Nesse sentido, é suficiente a relação de habilidade de S2 com a habilidade de S1 em que o elo causal pode, por exemplo, ser ouvir.[ix] Como se trata de habilidades, evita-se o problema da cópia de ocorrências de Bianchi. Lembremos que, pela teoria de Bianchi, o uso de nomes como repetições suscitava a questão da referência por um papagaio, mas na linguagem temos “ações referenciais”, não repetição. Já para Devitt é uma habilidade.

Então, já que o elo não é necessário o nome pode ser introduzido por meio de uma descrição definida, como no caso de “o inventor do zíper” – e algo que unifica e permite a referência sem uma conexão causal. No caso de C2, a referência não depende dele e ele também não é necessário como um todo, mas para seu por empréstimo deve haver uma cadeia causal de difusão do nome[x].

Em vista disso, as teorias causais são históricas porque dependem do histórico de usos bem feitos. Porém, Donnellan apresenta uma teoria histórica, mas que

não é causal pois, mostra Sagid, “o uso do NPA é aquele que entra na explicação histórica correta do NPA.” Sagid esclarece postulando um [fictício] _observador universal da história_ que permite traçar uma linha de referencia dos usos que chegam no batismo e encontram A, isto é, a explicação histórica remete ao indivíduo particular encontrado pelo _ouh_, apesar de que essa teoria não deixa claro quais são os elos.

Crítico do descritivismo, Donnellan pleiteia uma tese positiva que traz o referente na origem e uma tese negativa sobre a referência, ao descartar qualquer fato individuador como elo da cadeia. Apesar disso, há uma corrente descritivista que se apropria de Donnellan para inseri-lo em um descritivismo causal através do qual é o fato individuador que valida a tomada de empréstimo do nome, quando na cadeia de usos do nome próprio, como se fosse um descritivismo causal auto consciente.

Por fim, conclui Sagid, a teoria causal traz inovações como a separação entre a introdução e difusão dos nomes próprios, além de enfatizar que a referência é um fenômeno social, já que seu sucesso não depende somente de um falante, como pleiteou Donnellan com a noção de que a cadeia deve "correr bem" na comunidade linguística. Por outro lado, o aspecto social não é relegado pelo descritivismo, chegando mesmo a apontar para a cadeia de usos e invalida uma suposta crítica de Kripke de que o descritivismo seria um fenômeno privado ao satisfazer determinada descrição.

* * *

[i] Recortes feitos das aulas 17 e 18 do professor Sagid Salles disponíveis no Youtube. _Curso IF - Filosofia da Linguagem_ :
[https://www.youtube.com/playlist?list=PLb6DzdXIOv4EtJpTp1G9kThcOi_DATFyS](https://www.youtube.com/playlist?list=PLb6DzdXIOv4EtJpTp1G9kThcOi_DATFyS).

[ii] _Naming and Necessity_ (1972).

[iii] Lembrar toda a discussão de irrefutabilidade. Ver discussão:
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/11/quine-e-os-problemas-do-positivismo.html>. Sagid traz o exemplo do dragão invisível caracterizado por Sagan, que postulava um dragão invisível que sempre possibilitava uma resposta a qualquer objeção.

[iv] _Designation_ (1981).

[v] Sagid exemplifica que, mesmo se alguém fizer uma cópia de uma xérox que tirei da capa de um livro onde estava escrito Aristóteles, aí temos que todos nos referimos ao livro, e assim etc.

[vi] Ver adaptação livre:

<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/08/papagaio.html>.

[vii] As referências de Sagid nas aulas remetem a seu livro _Como os nomes nomeiam: um passeio filosófico sobre a referência_. Sagid Salles – Pelotas: NEPFIL Online, 2020.

[viii] Gavagai? Sobre gavagai, falaremos:

[https://criticanarede.com/lin_quine.html](https://criticanarede.com/lin_quine.html).

[ix] Esse elo causal parece que justifica bem o uso de fontes em trabalhos acadêmicos, como que uma “transferência de responsabilidade” ou garantia.

[x] Ou, conforme cita Sagid, em uma difusão de informações associadas ao nome.